

A EDUCAÇÃO LIBERTADORA EM PAULO FREIRE

Mariana Peruzzi **BODLÃO**¹

Prof. Dr. Antonio Carlos J. Zanni de **ARRUDA**

RESUMO

O presente artigo aborda a visão humanizadora de Paulo Freire em seu livro *Pedagogia do Oprimido*. A humanização na visão do autor é o conceito base de sua tese sobre a educação libertadora, pautada no diálogo e na tomada de consciência crítica para tornar os educandos sujeitos do processo educativo e até mesmo de sua própria história. O mesmo tem como objetivo refletir sobre os conceitos de opressor e oprimido para que se defina as bases da educação libertária.

PALAVRAS-CHAVE

Educação libertadora; Humanização; Práxis pedagógica.

1. Introdução

Busca-se argumentar neste artigo uma discussão sobre o livro *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, que embora seja datado do século XX, possibilita inúmeras contribuições para as discussões pedagógicas da atualidade.

A partir do presente livro, procura-se entender o processo da práxis pedagógica libertadora, tendo como base o papel do educador e do aluno, do opressor e do oprimido nessa prática, levando em consideração a ideia, defendida por Paulo Freire, de que dentro de cada indivíduo existe um ser opressor, e é justamente a esse opressor que temos que combater, através da revolução cultural, tendo uma liderança libertadora e que confie nas massas.

A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de pedagogia do oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que

¹ Pós graduanda de Filosofia – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré- 18700-902 – Avaré – SP – Brasil – Email mabodelao@hotmail.com

resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará. (FREIRE. 1987, p. 32).

2. A Pedagogia do Oprimido

Para justificar a Pedagogia do Oprimido, que deu origem ao título, o autor disserta sobre o preocupação do homem que faz com que ele próprio se coloque como problema, e a partir desse ponto pode-se dissertar sobre a desumanização que o indivíduo faz sobre ele mesmo, inconclusos e tendo consciência de sua inconclusão.

Essa desumanização ocorre, já que a mesma é uma realidade história presente na vida dos seres humanos a partir das práticas de injustiça, de exploração, de opressão e violência usada pelos opressores.

Para que seja vencida essa desumanização e resgatar a vocação ontológica – de serem mais - que foi anteriormente negada, Paulo Freire destaca a importância da educação, de uma pedagogia libertadora, para que os oprimidos possam tomar consciência da sua condição de desumanizados e buscarem a humanização.

Freire (1987) elucida nas palavras “Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação da sua humanidade roubada. (p. 30).

A temática central que Paulo Freire pretende resolver é o fato de que diariamente esses oprimidos² acreditarem que são pessoas livres, apresentando assim a maior contradição desse artigo. Quando o opressor faz o oprimido acreditar nessa falsa liberdade, os faz também desumanizados. E aí está a grande tarefa da história dos oprimidos, humanizá-los, libertá-los de seus opressores.

Lutar pelo reparo de sua humanidade faz com que, homens ou povos, tentem restaurar a generosidade verdadeira do opressor, visto que o oprimido conhece o opressor – que está dentro dele também – e sabe o caminho para a libertação.

A problematização está em como os oprimidos podem participar dessa pedagogia de libertação, visto que hospedam o opressor em si. E isso somente poderá acontecer quando cada oprimido reconhecer dentro de si a imagem do próprio opressor.

Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor, é impossível fazê-lo. A pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestação da desumanização. (FREIRE. 1987, p. 32).

² Qualquer indivíduo, que influenciado pela invasão cultural (sobre isso falaremos mais adiante), age como seu próprio opressor.

Paulo Freire, ao falar sobre liberdade, faz importantes observações como o direito constitucional da mesma, e mais ainda, sobre como ela pode ser libertadora, visto que é esta liberdade que dá consciência aos indivíduos, porém, a opressão ocorre por as pessoas terem medo dela.

Quando tomar consciência que estão sendo oprimidos, surge um novo conceito, o de “aderência”, ou seja, quando percebem que estão sendo oprimidos, mas reconhecem no outro o opressor, e não em si mesmo. E esse antagonismo³ leva não a prática da libertação, mas, a saber, identificar o seu contrário.

O autor se refere que apenas na convivência com o oprimido é possível perceber a ação dominadora e opressora. A busca pela libertação “[...] é um parto. É um parto doloroso”. (FREIRE. 1987, p. 35). O homem novo, ao ponto que se percebe como opressor, acaba por admirá-lo e sentir-se atraído pelo opressor, devido ao seu modo, e seu padrão de vida. Na sua falta de consciência, querem e acabam imitando esses “homens ilustres”, de classes “superiores”.

Diante dessa dificuldade pela libertação, Paulo Freire concluiu que ninguém se liberta sozinho, mas em comunhão⁴. A partir do momento em que o oprimido se coloca como opressor, começa a luta, em comunhão, pela libertação revolucionária, momento de sua conscientização.

Assim também é necessário que os oprimidos, que não se engajam na luta sem estar convencidos e, se não se engajam, retiram as condições para ela, cheguem, como sujeitos, e não como objetos, a este convencimento. É preciso que também se insiram criticamente na situação em que se encontram e de que se acham marcados. E isto a propaganda não faz. Se este convencimento, sem o qual, repetamos, não é possível a luta, é indispensável à liderança revolucionária, que se constitui a partir dele, o é também aos oprimidos. A não ser que se pretenda fazer para eles a transformação e não com eles – somente como nos parece verdadeira essa transformação. (FREIRE. 1987, p. 54).

A partir dessas observações, Paulo Freire introduz o caráter pedagógico da libertação revolucionária. É preciso que os líderes dessa revolução, que aqui podemos chamá-los de professor, utilizem de métodos libertadores para a conscientização dos oprimidos enquanto opressores e não uma educação que sirva aos opressores. Aqui se faz necessário uma ação dialógica entre educador e educando, onde ambos são sujeitos que desconstroem a realidade e recriam o conhecimento através de métodos pedagógicos humanizadores.

³ A isso Paulo Freire nomeia de “homem novo”, aquele que não é oprimido e nem opressor, mas aquele que está livre de sua opressão interna.

⁴ Essa descoberta acontece em um diálogo crítico e libertador feito com os oprimidos.

Ao analisar as relações educar e educando, o autor disserta sobre o conceito “bancário” da educação, ou seja, a educação enquanto instrumento de opressão. Essa concepção se explica em todos os níveis da educação, onde o educador está ali apenas como um narrador, sujeito, um depósito que “despeja” todas as informações em um objeto paciente, o ouvinte, representado pela figura do educando. Eis aí a crítica feita sobre essa educação bancária: “A tônica da educação é preponderantemente esta – narrar, sempre narrar”. (FREIRE. 1987, p. 57).

A tese da crítica se dá no sentido em que o educador, ao depositar todos os conteúdos nos educandos, os conduz apenas a prática da memorização do conteúdo, e não do pensar, do analisar, do criticar. E quanto mais o educador tem conhecimento, mais qualificado ele é considerado. E quanto mais “domesticados” são os educandos, melhores também são, contribuindo para a memorização de uma maior quantidade de conteúdos narrados, depositados a eles. Inibindo a criatividade, a transformação do educando, na ausência do saber.

Diante do exposto, Freire nos aponta que “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também”. (FREIRE. 1987, p. 58).

Segundo essa visão bancária da educação, aqueles que se julgam mais sábios “doam” seus conhecimentos para aqueles que julgam nada saber, onde educadores se colocam em uma posição de opressores, pois são os que sabem e os que levam o conhecimento aos educandos, oprimidos, pois não podem interagir com o conhecimento passado a eles, cabendo apenas o papel de memorizar aquilo que foi narrado. E quanto mais a educação bancária se faz presente na vida dos educandos, mais desestimulados eles são, conceito denominado por Paulo Freire de “absolutização da ignorância⁵”, o que nega a educação e o processo de busca pelo conhecimento.

O autor, a partir dessa análise, defende que os homens são seres de busca, e a sua condição ontológica é de humanizarem-se, diferente da educação bancária, Paulo Freire traz a concepção problematizadora e libertadora da educação, onde o educador seja um companheiro do educando, se aproximando deste, um educador revolucionário, humanista, a serviço da libertação e não da doação, como exemplo do educador opressor.

⁵ Constitui o que é chamado por “alienação da ignorância”, onde essa alienação encontra-se sempre no outro, nunca nele mesmo.

Na visão problematizadora e libertadora da educação, os homens educam-se entre si, imitando o mundo, onde exige tomar consciência da opressão que é a práxis da ação e reflexão sobre o mundo, para transformá-los, negando a alienação e assumindo a humanização e libertação.

Neste sentido, a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir 'conhecimentos' e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação 'bancária', mas um ato cognoscente. Como situação gnosiológica, em que o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do ato cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador, de um lado, educandos, de outro, a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos. Sem esta, não é possível a relação dialógica, indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível. (FREIRE. 1987, p. 68).

Paulo Freire chama a atenção para que em nenhum momento, sob qualquer acontecimento, mesmo que na liderança revolucionária, um homem aliene outros homens em suas decisões, mas que os incentivem à luta pela emancipação e humanização do mundo, através da busca pelo conhecimento e da negação da concepção bancária da educação.

Por isso, a concepção bancária da educação nega o diálogo, enquanto que a concepção problematizadora o aceita e "tem nele o selo do ato cognoscente, desvelador da realidade". (FREIRE. 1987, p. 72). Isso porque, para o autor, é a partir do diálogo que surgem as palavras, nomeada por Paulo Freire de "palavra verdadeira"⁶, a práxis, ou seja, a mudança do ser no mundo e em seu próprio mundo, característica essa defendida na concepção problematizadora.

O diálogo passa a ser o caminho pelo qual os homens ganham sentido enquanto homens, ou seja, só há diálogo com profundo amor pelo mundo e pela mudança, e a mudança só ocorre quando as pessoas acreditarem realmente umas nas outras, quando confiarem de fato na mudança.

Na educação, esse diálogo deve começar na busca do conteúdo programático⁷ em conjunto, educador-educando, mediatizados pelo mundo. Essa união se faz necessária e é tão importante, pois acrescenta elementos e até mesmo novas ideias ou novos assuntos. Mais do que isso, fazendo com que o educando esteja inserido nessa escolha, os temas podem fazer parte de sua realidade, de sua vida, de seu mundo, evitando assim

⁶ Aquela que se faz de forma reflexiva e dialógica com outras pessoas e que surgem com a intenção de mudar a realidade do ser, sendo isto, direito de todos os homens.

⁷ Tema gerador do diálogo.

a passividade e desinteresse do mesmo. A partir dessa escolha, o educando pode apresentar suas dúvidas, seus anseios, ou até mesmo suas esperanças perante o tema tratado. Ou seja, ele passa a fazer parte do processo e não é apenas um mero depósito de informações.

Ao educador que consiga colocar isso em prática Paulo Freire dá o nome de educador humanista ou revolucionário, que é aquele que quer com que os oprimidos tomem consciência de que eles próprios estão sendo os “hospedeiros” de seus próprios opressores, mas que a partir da educação problematizadora vão se libertar de serem esses seres duais. Nesse momento, o educador estará presente para realizar mediações entre as reflexões dos educandos, levantando problemas para serem refletidos e fazendo com que eles próprios tenham um posicionamento sobre o assunto tratado.

A metodologia que defendemos exige, por isto mesmo, que, no fluxo da investigação, se façam ambos sujeitos da mesma – os investigadores e os homens do povo que, aparentemente, seriam seu objeto. (FREIRE. 1987, p. 98).

Percebe-se assim a importância que o povo tem para o autor e para a educação problematizadora. Segundo Paulo Freire, o povo tem que ser sujeito do pensar, não há pensar sem o povo, não podemos pensar pelo povo. Faz-se necessário uma percepção crítica sobre a realidade do povo, para que se expresse uma ação política e cultural.

Depois de elencar toda a importância que o povo tem para a educação não bancária, o autor faz observações sobre a teoria antidialógica, o que possibilita o opressor na continuidade de seu trabalho de oprimir os indivíduos.

O antidialógico, dominador, nas suas relações com o seu contrário, o que pretende é conquistá-lo, cada vez mais, através de mil formas. Das mais duras às mais sutis. Das mais repressivas às mais adocicadas, como o paternalismo. (FREIRE. 1987, p. 135).

Diante disso é possível reafirmar a importância dos homens como seres de práxis⁸. E justamente por serem seres de práxis o seu fazer é ação e reflexão, ou seja, transformação – práxis. E não tem como haver transformação, ou revolução, sem o diálogo com o oprimido. Esse diálogo é o cerne da libertação. Porém, não se pode dividir a práxis da liderança das massas oprimidas, é essa não divisão que traz a

⁸ Seres que “emergem” do mundo, traçando objetivos, para que possam conhecer o mundo, e através de seu trabalho, transformá-lo.

libertação para os oprimidos, pois eles passam a reconhecer que apenas com a revolução não vão se deixar levar pelas classes dominadoras, pela absolutização da ignorância.

Negar o diálogo, é temer a libertação das massas oprimidas, é temer o próprio povo, ou não confiar nele. Negando isso tudo, a revolução perde sua razão de ser e, para que exista revolução ela tem que ser feita por ambos, em solidariedade e no amor, no encontro humilde e corajoso com o povo.

O que fica claro é que em hipótese alguma se deve esperar da elite opressora essa educação de caráter libertário, visto que o pensar do povo está entre seus maiores temores. E a partir daqui podemos começar a analisar as características dessa ação opressora, antidialógica.

Ela se baseia, primeiramente, na conquista das massas oprimidas, matando nos homens os seres de práxis e mitificando o mundo, criando um falso mundo, que os aliene ainda mais, um mundo cheio de artifícios para atrair esses homens, onde o mundo não é problema, ao contrário, o homem deve se ajustar para viver nele.

É preciso, contudo, chegar até elas para, pela conquista, mantê-las alienadas. Este chegar até elas, na ação da conquista, não pode transformar-se num ficar com elas. Esta 'aproximação', que não pode ser feita pela comunicação, se faz pelos 'comunicados', pelos 'depósitos' dos mitos indispensáveis à manutenção do status quo. (FREIRE. 1987, p. 136/137).

A segunda característica da teoria da ação antidialógica é a de dividir o povo para que mantenha a opressão. Dividir o povo é importante para que não corra o risco deles se unirem e tomarem consciência de que estão sendo oprimidos e lutem pela busca da liberdade, o que seria uma séria ameaça à hegemonia da elite opressora. Cabe a liderança o papel da procura da união das massas oprimidas em si para a libertação, visto que a união é indispensável à ação dialógica libertária.

Outra característica da ação antidialógica é a manipulação das massas oprimidas. Isso ocorre na medida em que as elites opressoras vão confortando os oprimidos a seus objetivos, ao mundo mitificado. Onde, cada vez mais, esses oprimidos perdem sua autonomia e decisão política, pois ao pensarem ganham "consciência revolucionária" ou de 'consciência de classe', é indispensável à revolução, que não se faz sem ele". (FREIRE. 1987, p. 146), que gera a busca incansável pela libertação.

E por fim, como última característica, e não menos importante, a invasão cultural.

Desrespeitando as potencialidades do ser a que condiciona, a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão do mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão. (FREIRE. 1987, p. 149).

Ou seja, quando os opressores conferem sua cultura diante aos oprimidos, acabam fazendo com que inibam sua criatividade e conseqüentemente o desenvolvimento de uma visão diferente sobre o contexto inserido. É uma forma de dominação. Dominar cultural e economicamente as massas oprimidas.

Em oposição à invasão cultural, o autor traz a teoria da ação dialógica, através da instauração da “revolução cultural”. A liderança revolucionária, cujo valor é a de conscientizar os oprimidos para que queiram participar da reconstrução do mundo, com valentia, colaboração, união, organização e síntese cultural.

A colaboração, como característica da teoria da ação dialógica, é onde os sujeitos se encontram para a desmitificação do mundo em colaboração. “O eu antidialógico, dominador, transforma o tu dominado, conquistado, num mero ‘isto’”. (FREIRE, 1987, p. 165). Ou seja, apenas através da união entre o “eu” e o “tu” é possível chegar ao propósito idealizado, onde não existe mais um dominador⁹, nem um dominado, mas sim uma massa de pessoas unidas refletindo e agindo de acordo com suas reflexões.

Enquanto na teoria antidialógica, para que os opressores continuem no poder, é indispensável à divisão das massas, na teoria dialógica, para que as massas deixem de ser oprimidas e se liberte, a união se faz necessário.

O objetivo da ação dialógica está, pelo contrário, em proporcionar que os oprimidos, reconhecendo o porquê e o como de sua ‘aderência’, exerçam um ato de adesão à práxis verdadeira de transformação da realidade injusta. (FREIRE, 1987, p. 173).

No que diz respeito à organização das massas populares, a união já é um dos artificios dessa organização, onde ao buscar essa união, a liderança busca também a organização para o esforço da libertação das massas populares. O objetivo da organização é libertador, negando o autoritarismo e afirmando a autoridade e a liberdade dos populares.

Por fim, a síntese cultural, aparece em oposição à invasão cultural, onde toda ação cultural é de forma sistematizada e resolvida que acontece sobre a estrutura social para mantê-la ou transformá-la. Porém, na síntese cultural isso deve ocorrer de maneira democrática e com respeito, pois para findar o seu papel de oprimido e chegar à liberdade, as massas devem conhecer a síntese cultural do outro e não contrapô-las.

⁹ Mesmo com a liderança revolucionária um dominador não se faz presente, visto que o papel de tal liderança é auxiliar as massas para a revolução, e não ter as massas como propriedade. Essa liderança tem um compromisso com a liberdade.

3. Conclusão

Em síntese, Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* escolhe como público alvo os excluídos, para que estes entrem em contato com uma educação crítica, humanizadora e libertadora, visto que assim como o opressor precisa de uma teoria para praticar a opressão, o oprimido, para que se liberte, também precisa de uma teoria, sendo fundamental a conscientização para colocá-la em prática.

A educação libertadora e problematizadora que Paulo Freire propõe, caracteriza-se pela ação pensada, pois educar é conscientizar colocando o sujeito livre como construtor de sua própria condição história, contra toda e qualquer forma de opressão e dominação que a sociedade tente impor a ele, lutando pela transformação e real liberdade que pela práxis pedagógica é alcançada.

Demanda-se aqui o desafio deixado para educadores e educandos, repensar a educação brasileira através da perspectiva humanizadora de Paulo Freire, pensando na realidade de uma educação que seja efetiva para todos, resistindo às teses de educação desumanizadora.

Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar. (FREIRE. 1987, p. 184).

4. Referências

- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Ação Cultural para Liberdade e Outros Escritos**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- _____. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- _____. **Conscientização: teoria e prática da libertação** – Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 2018.